

# **ASSOCIAÇÕES E COOPERATIVAS COMO ESTRATÉGIA DE DESENVOLVIMENTO NA MICRORREGIÃO DE SÃO JOÃO DEL-REI: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA TEORIA DA RECIPROCIDADE**

Avanço de pesquisa em andamento

GT27- Sociologia Econômica

Simone de Faria Narciso Shiki  
Shigeo Shiki

Djalma Ferreira Pelegrini

Patrícia Lopes Rosado

Juliana Carvalho Simões

Luís Gustavo de Araújo Ladeira

João Paulo Morais

## **Resumo**

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as cooperativas e associações da Microrregião de São João Del-Rei/MG, buscando identificar sua capacidade de promoção do desenvolvimento local, a partir da sua lógica de funcionamento. Como método baseou-se na teoria da reciprocidade. Entre os procedimentos metodológicos, adotou-se a pesquisa bibliográfica, documental e levantamento de campo. Como resultado, obteve-se que, na microrregião, a pura lógica da troca tem enfrentado grandes obstáculos para se consolidar, perceptível nas falências das cooperativas e permanência das associações. Portanto, as formações mistas como as associações, mesmo com assimetrias e alienações nas formas de reciprocidade, tem conseguido permanecer como estratégia para o desenvolvimento local.

**Palavras-chave: Reciprocidade; Associação; Cooperativa**

## **1 Introdução**

O processo de desenvolvimento rural tem sido abordado de forma predominante, a partir de um arcabouço teórico estruturado dentro do pensamento econômico utilitarista, tratando exclusivamente das relações de troca, que são o suporte do sistema capitalista vigente. Contudo, esta abordagem é muito limitada ao presumir que inexistem outros tipos de relações nas formações sociais.

Observa-se que as relações presentes no campo vão além das relações troca, aprofundando em formações sociais complexas de interação entre valores de ajuda mútua, especialmente, nos sistemas de produção familiares mais tradicionais.

Neste contexto, as organizações sociais estabelecidas no campo, como as cooperativas e as associações, seriam uma representação de sistemas mistos, com a presença de relação de troca e de ajuda mútua.

Para muitos teóricos, como Putnam, estas formações mistas seriam essenciais para a promoção do desenvolvimento rural, por possibilitar um engajamento no mercado e ao mesmo tempo ampliar as relações de confiança e reciprocidade.

Entretanto, esta não é uma visão unívoca dentro do pensamento desenvolvimentista, que tem trazido muitas críticas principalmente às cooperativas, frente aos exemplos de fracasso que essas organizações têm apresentado no Brasil.

Neste contexto, esta pesquisa tem como objetivo fazer uma análise das cooperativas e associações da Microrregião de São João Del-Rei/MG, buscando identificar sua capacidade de promoção do desenvolvimento local, a partir da sua lógica de funcionamento.

Para tanto, o método de análise proposto baseia-se na teoria da reciprocidade, uma vez que essa permite extrapolar as relações de troca e incorporar a complexidade das demais relações existentes na realidade rural. Entre os procedimentos metodológicos, adotou-se a pesquisa bibliográfica, documental e levantamento de campo junto às cooperativas e associações da microrregião de São João Del-Rei, através de questionários aplicados aos dirigentes e associados das organizações sociais.

A microrregião de São João Del-Rei, no Estado de Minas Gerais, é composta por quinze municípios: Conceição da Barra de Minas, Coronel Xavier Chaves, Dolores de Campos, Lagoa Dourada, Madre de Deus de Minas, Nazareno, Piedade do Rio Grande, Prados, Resende Costa, Ritópolis, Santa Cruz de Minas, Santana do Garambéu, São João del-Rei, São Tiago, Tiradentes. No total, foram entrevistadas 33 organizações sociais, sendo três cooperativas e trinta associações.

O artigo foi estruturado em três seções além desta introdução e da conclusão, que são: concepção da teoria da reciprocidade; compreensão das lógicas pertencentes às cooperativas e às associações; análise das cooperativas e associações da microrregião de São João Del-Rei.

## **2 Teoria da Reciprocidade**

Compreender a complexidade do processo de desenvolvimento rural brasileiro pressupõe um olhar mais amplo, que seja capaz de incorporar todas as relações que o fundamentam. Neste sentido, permanecer dentro de um arcabouço teórico, restrito a visão utilitarista/individualista da economia clássica e neoclássica, tem se mostrado insuficiente, diante de relações de cooperação que transcendem o mercado concorrencial. Neste sentido, a teoria da reciprocidade traz elementos para a análise dessa realidade, que não se baseia apenas no sistema de troca, mas também na ajuda mútua.

Para Bordieu (1966) e Granovetter (2007, s/p) dentro do arcabouço teórico capitalista das trocas mercantis, baseada na antropologia a-histórica e individualista, não há como explicar a cooperação.

Para pensar outra lógica de relação socioeconômica, alguns teóricos desenvolveram a teoria da reciprocidade. Mauss (2003) e Temple (1997<sup>a</sup>) estabelecem, a partir da análise das três obrigações que regem a reciprocidade da dádiva – dar, receber e retribuir – laços de dependência e laço social, embora contestado por Caillé (1998), dizendo que o ato de retribuir não tem especificado o quando, nem quanto, nem como. Do ponto de vista econômico, a reciprocidade constituiria não somente uma categoria econômica diferente da troca mercantil, mas um princípio oposto (Polanyi (1944, 1957; Sabourin, 2010, p.03)

Nestes termos, a reciprocidade gera um Terceiro incluído entre a dialética instaurada pelos polos formados por ela, em que o ato de dar é ao mesmo tempo o ato de receber. Este Terceiro incluído foi identificado na lógica ternária de Lupasco, que traz à reciprocidade uma estrutura intersubjetiva. Este Terceiro refere-se ao ser social e não ao biológico, ou seja, os valores que a reciprocidade faz emergir nos atos de dar, receber e restituir, como a amizade, confiança, justiça, responsabilidade, honra, que não estão presentes na mera troca mercantil.

As relações de reciprocidade podem ser analisadas em termos de estruturas simétricas e assimétricas. Nas estruturas simétricas há um equilíbrio entre o que é dado e o que é retribuído, denotando relações harmoniosas. Já na estrutura assimétrica não existe esse equilíbrio, estabelecendo uma relação de submissão, o que pode gerar relações de dominação, clientelismo e paternalismo, reconhecidas como alienações das estruturas de reciprocidade. “A alienação começa com a perda do sentido dos valores éticos ou com o desaparecimento desses valores quando acaba toda relação de reciprocidade simétrica, até mesmo simbólica.” (Sabourin, 2011a, p. 11)

Entre as estruturas elementares da reciprocidade, analisadas por Temple (1997c), Chabal (2005, 2006) e Sabourin (2011b, 2011c, s/d), estão a reciprocidade binária e a reciprocidade ternária, sendo que a reciprocidade binária se subdivide nos tipos cara a cara e compartilhamento e a reciprocidade ternária em unilateral, bilateral e centralizada (ou redistribuição) (Quadro 1).

A reciprocidade binária cara a cara (face a face) consiste na relação entre indivíduos, famílias ou grupos. Dentro dessa relação, a interação de um com o outro, através de posições contraditórias, resulta na geração de sentimento de humanidade, refletido de um para o outro. Neste caso, o valor gerado é o da amizade. Exemplo de reciprocidade binária é a ajuda mútua entre famílias.

A reciprocidade binária por compartilhamento refere-se à relação do indivíduo com uma identidade coletiva, em que a individualidade de cada um mantém uma posição contraditória com a identidade coletiva. O valor gerado pelo compartilhamento é a confiança e o sentimento de pertencimento. Exemplo de compartilhamento é o uso de recursos naturais comuns ou de equipamentos coletivos. Todavia, Sabourin (2011c) chama atenção para as dádivas de compartilhamento que foram recebidas, externamente, e não entraram na lógica das estruturas de reciprocidade. Estas provocam o conflito quanto ao seu uso e à sua manutenção, numa disputa de quem deve ter a responsabilidade sobre a dádiva, a comunidade beneficiada ou o doador (geralmente o Estado).

<b>Estruturas de Reciprocidade</b>	<b>Tipos</b>	<b>Representações Esquemáticas</b>	<b>Valores Gerados</b>
<i>Reciprocidade Binária</i>	Cara a Cara	$A \longleftrightarrow B$ $ABCD \longleftrightarrow EFGH$ (aplicada a grupos)	Amizade Vingança
	Compartilhamento		Confiança, pertencimento
<i>Reciprocidade Ternária</i>	Unilateral	$A \longrightarrow B$ $C$ (entre gerações)	Responsabilidade
	Bilateral	$A \longleftrightarrow B$ $C$	Justiça
	Centralizada ou Redistribuição	 (CR - Centro de Redistribuição)	Obediência

Fonte: Sabourin (2011b) e Temple (1997c) (Elaborado pelos autores)

Quadro 1 – Estruturas de Reciprocidade

A reciprocidade ternária unilateral quebra essa relação direta entre doador e receptor. O receptor assumirá a posição de doador com um terceiro indivíduo. Assim, a consciência humana se dá como “fenômeno da individualização do ser”. “Sin embargo, la revelación sólo se interioriza con la condición de que cada uno sea incluido en una relación con el otro que implica a todos los otros.” (Temple, 1997c, s/p). Portanto, o valor gerado na reciprocidade ternária unilateral é o da responsabilidade. Um exemplo é a transmissão de saberes ou patrimônio entre gerações.

No caso da reciprocidade ternária bilateral segue a mesma lógica da unilateral, contudo, as relações se dão nos dois sentidos. O intermediário assume a posição de receptor e doador dos outros dois. “En la reciprocidad ternaria bilateral, el que encuentra entre dos donadores debe reproducir el don del uno y el del otro de forma apropiada.”

(Temple, 1997c). A justiça é o valor gerado nessa relação de reciprocidade. Um exemplo é a repartição de um bem comum.

A reciprocidade centralizada implica em um intermediário, mas não entre dois outros, mas entre todos os membros de uma comunidade. Este intermediário torna-se um líder, um chefe, responsável por concentrar todas as doações e de retribuí-las ao coletivo. Portanto, “los donadores ya no tienen lazos directos entre sí, sino sólo lazos mediatizados por el centro de redistribución de la comunidad.” (Temple, 1997c, s/p). A obediência é o valor gerado pela reciprocidade centralizada. Um exemplo de reciprocidade centralizada são as políticas públicas geradas pelo governo, a partir dos tributos pagos pela sociedade.

Cabe ressaltar que, em uma sociedade, há uma combinação de estruturas de reciprocidade, que geram um sistema de reciprocidade, cujo entendimento permite uma maior compreensão da realidade estudada.

O sistema de reciprocidade representa uma multiplicação das estruturas de reciprocidade, que se estendem formando uma totalidade social. Conforme já apontado, o terceiro incluído é o elemento de geração social, de separação do homem com a natureza. De acordo com Temple (1983), este se configura no primeiro ciclo da economia política de uma sociedade de redistribuição. A partir da multiplicação de ciclos, mantém-se o tecido social vivo, seja pelas cadeias horizontais de reciprocidade, caracterizadas pela dispersão que descreve redes e encadeamentos das sociedades igualitárias, ou através das sociedades de redistribuição centralizadas, caracterizadas pela produção coletiva.

De acordo com Sabourin (2010), o reconhecimento dos sistemas de reciprocidades não elimina os sistemas de troca, na realidade permite delimitar uma articulação ou uma interface entre eles, uma vez que existem os sistemas mistos, nos quais esses sistemas coexistem.

Muitas vezes essa articulação ou interface dos sistemas é conseguida mediante políticas públicas, de forma a regulamentar e proteger da lógica da troca, quando esta se mostra dominante.

Entretanto, o reconhecimento dos sistemas mistos não invalida a teoria da reciprocidade, pois somente esta possibilita uma análise dessa interface, uma vez que ao sair desse arcabouço, cai-se na simples lógica da livre-troca, que não permite a compreensão da complexidade das relações econômicas existentes.

Portanto, a partir dessa complexidade que ainda formam as sociedades é que procurar-se-á analisar as cooperativas e associações da microrregião de São João Del Rei, partindo da teoria da reciprocidade, tendo por pressuposto sua formação mista.

### **3 As Diferenças Estruturais na Lógica Cooperativista e na Lógica Associativista**

A cooperativa e a associação são organizações sociais cujas raízes remontam a ideia de um lógica diferenciada da simples troca, inserindo elementos de ajuda mútua.

De acordo com Silva et al. (2007, p. 51-52) a cooperativa “(...) é uma organização de pessoas unidas pela cooperação e ajuda mútua, gerida de forma democrática com objetivos econômicos e sociais comuns, cujos aspectos legais e doutrinários são distintos de outras sociedades.”

Nesse sentido, trata-se de uma organização embasada na participação dos cooperados, estruturada para a autogestão democrática, em busca do desenvolvimento econômico.

A associação “é qualquer iniciativa formal ou informal que reúne pessoas físicas ou outras sociedades jurídicas com objetivos comuns, visando superar dificuldades e gerar benefícios para os seus associados.” (SEBRAE, 2012, s/d). A ideia subjacente à associação é de ser capaz de gerar relações de reciprocidade e confiança, a partir da prática democrática. (Cruz, s/d)

Assim, ambas são trabalhadas dentro da concepção de ação conjunta em prol do coletivo. Essa ação conjunta tem sido vista como um mecanismo para o desenvolvimento. A produção teórica recente direcionada ao desenvolvimento, especialmente as direcionadas ao espaço local, reserva um papel secundário aos fatores de produção capital e tecnologia, enfatizando a importância da solidariedade, da cooperação e da participação da comunidade no planejamento e gestão, como atributos necessários para a promoção do desenvolvimento.

Durante os últimos anos, foram criadas inúmeras associações e cooperativas, em face da convicção de que estas organizações produzem, invariavelmente, efeitos positivos nos níveis local e regional. São considerados como um arranjo favorável à transferência de tecnologias inovadoras, aquisições e comercialização conjunta de produtos, pois empregam metodologias participativas, privilegiando o potencial endógeno das comunidades, associações e cooperativas, podendo, inclusive, desempenhar um papel essencial no desenvolvimento nacional, e mesmo em nível global. Assim, a organização de produtores rurais, em torno de associações e cooperativas, destaca-se dentre as principais estratégias atualmente preconizadas por uma representativa corrente de especialistas que propugna pelo desenvolvimento rural. De acordo com Putnam (1996), a união das pessoas em torno de organizações sociais, sejam associações ou cooperativas, gera uma lógica interna baseada em relações de reciprocidade e confiança, capazes de gerar o desenvolvimento.

Entretanto, problemas sobretudo com o cooperativismo suscitaram diversas críticas quanto a sua difusão como elemento do desenvolvimento. Cruz (s/d) defende que essa correlação depende do tipo de relações sociais foram estabelecidas no interior das organizações sociais.

Ao comparar as cooperativas com as associações verifica-se que a lógica de cada uma estabelece relações diferenciadas. De acordo com Sebrae (2012), a diferença essencial entre os dois processos é que as associações têm finalidade assistencial e as cooperativas têm finalidade econômica.

Nesse sentido, já se percebe que a lógica da cooperativa, apesar de trabalhar com o coletivo, está mais vinculada às relações com o mercado, portanto, à lógica da troca. No caso das associações, há a possibilidade de um vínculo mais amplo com a comunidade, abrangendo não só o econômico, mas o social, o cultural, o educacional e o político, estando mais próximo da lógica da reciprocidade e das dimensões do desenvolvimento.

Cabe ressaltar que essa proximidade não é garantia de concretização dessa lógica e nem do desenvolvimento, uma vez que existem diferentes tipos de associações, com formações de relações muito específicas, que podem também vincular a associação mais ao mercado. Entretanto, essa abrangência das associações torna mais fácil uma aproximação dos associados.

Para Sabourin (2011c) e Bialoskorski Neto (2007, p. 136) numa organização cooperativa, a lógica do capital suplanta a social e esta passa a operar cada vez mais como uma empresa capitalista.

O setor de pecuária leiteira no Brasil é um exemplo que cada vez mais tem confirmado essa trajetória das cooperativas. A abertura do mercado nacional ao capital

internacional, com agroindústrias estrangeiras, bem como a entrada de produtos de outros países, em especial Argentina e Uruguai, tem promovido um movimento de fusão de laticínios e exclusão de concorrentes, tornando a estrutura de mercado para o setor cada vez mais oligopolizada.

Isso é percebido ao se verificar que entre os maiores laticínios do Brasil, em 2011, estão: o Dairy Partners Americas (DPA), que é a fusão da Nestlé com a neozelandesa Fonterra; a LBR, que trabalha as marcas Bom Gosto, LeitBom e Parmalat; a Itambé, que incorpora 31 cooperativas regionais.

Nesse contexto, as cooperativas de leite tem buscado se integrar a esse movimento de fusão e incorporação de capitais, na estrita lógica do mercado. Diante disso, os pequenos produtores, que não possuem produtividade e nem escala de produção suficientes, têm sido cada vez mais excluídos das cooperativas. Dessa forma, a lógica de reciprocidade e confiança que deveria estar presente no cooperativismo tem sido, progressivamente, suplantada pela lógica da troca de mercado.

Quanto às associações, existe uma diferenciação de tipos, que dificulta uma análise linear de trajetória, como na cooperativa, mas permite a análise comparativa de diferenciação por tipos. Existem associações comunitárias, que estão mais próximas da lógica da reciprocidade, pois mantêm a comunidade articulada em prol do benefício comum. As associações de produtores de diferentes setores estão muito vinculadas a venda do produto, o que as aproxima mais da lógica da troca, o que não inviabiliza a existência de ações em prol da comunidade. Na realidade, é como se existisse graus de interligações das duas lógicas, que resultam em sistemas mistos, com ciclos sociais de reciprocidade diferenciados.

A próxima seção será para identificar esses ciclos nas organizações sociais da microrregião de São João Del-Rei.

#### **4 Análise das Cooperativas e Associações da Microrregião de São João Del-Rei**

Nesta seção serão analisadas de forma comparativa a evolução dessas formas de organização social na microrregião de São João Del-Rei, em que as relações de troca e de reciprocidade coexistem.

##### **Cooperativas**

Na microrregião de São João Del Rei, tanto as cooperativas como as associações de comercialização e produção se concentram no setor leiteiro, em decorrência da relevância do setor na área rural da microrregião, correspondendo a cerca de 66% do número de estabelecimentos, sendo que em alguns municípios esse percentual é ainda maior, como em São João Del-Rei, que é de 77%. (IBGE, 2006)

No caso das cooperativas de comercialização e processamento de leite, as três que existiam faliram recentemente, sendo que duas se dissolveram e uma foi incorporada por outra cooperativa regional, sediada em Bom Sucesso.

Em entrevistas com atores chave, ex sócios e ex dirigentes, foi possível perceber pontos em comum na falência dessas cooperativas, sendo estes: a má gestão econômica e a falta da capacidade de incrementar a sociabilidade cooperativa e de apoio mútuo.

A má gestão é evidenciada por fatores como:

- a) incapacidade de evitar perdas causadas pela presença de um alto teor de acidez e de antibiótico, bem como de água no leite cru;
- b) falta de capacidade gerencial e habilidade de sociabilidade;
- c) investimentos sem planejamento e apoio técnico;
- d) dificuldades gerenciais em lidar com custos operacionais e variações de preços;
- e) dificuldades estruturais para lidar com a concorrência no mercado, especialmente com os laticínios locais.

A falta de sociabilidade cooperativa e de apoio mútuo se verifica pela pouca participação do cooperado nos processos decisórios da cooperativa, com baixa participação nas assembleias. Nesse sentido, uma relação assimétrica se formou entre os cooperados e a direção. Na realidade, entre as informações obtidas nas entrevistas, aparece o favorecimento a um pequeno grupo, dentro de uma relação clientelista, de venda de insumos a cooperados devedores ou o pagamento a mais por uma quantidade menor de leite entregue.

A falta de participação com a má gestão não poderia ter outro resultado que não a insolvência. A estrutura de mercado do setor tem cobrado cada vez mais eficiência das empresas, dentro de uma lógica capitalista. Não há espaço para gestão ineficiente, num ambiente de alta concorrência oligopolística. A pouca participação denota a falta de relação de reciprocidade, que neste caso seria representada pela reciprocidade binária de compartilhamento. Não existiram valores de pertencimento e confiança na cooperativa. Não houve um reconhecimento de que a cooperativa era um bem comum, e que socorre-la seria uma ação de ajuda mútua. Na realidade, vários cooperados abandonaram a cooperativa, ao verem os problemas surgirem. Este abandono já ocorria mesmo antes, com a concorrência de preços, pela qual há a oferta de um pequeno diferencial de preço de compra do seu leite, entre a cooperativa e seus concorrentes, os pequenos laticínios locais ou outras empresas do setor oligopolizado.

Assim, as cooperativas da região não integraram eficientemente a lógica da troca e nem tiveram como se sustentar na lógica da reciprocidade, uma vez que esta não foi introduzida de forma a promover a transição comunitária, dentro de uma estrutura com controle social dos seus cooperados sobre suas atividades (Sabourin, 2011c, p141). Portanto, a sobrevivência só seria possível com uma gestão empresarial, compensando a falta de ajuda mútua e a pressão do mercado.

## **Associações**

Dentre as trinta associações entrevistadas na microrregião de São João Del-Rei, foi possível identificar pelo menos três tipos: associações para prestação de serviços; associações de comercialização; e associações comunitárias.

Essa tipificação é um recorte aproximado, a partir da função e atividades predominantes em cada associação, porque elas apresentam diversas funções e atividades.

### **Associações de prestação de serviços.**

As associações de prestação de serviços são estruturadas para dar suporte aos associados em seu processo produtivo, a partir de serviços de mecanização agrícola e compra conjunta de insumos. Os associados compartilham de um bem comum, que são as máquinas e equipamentos pertencentes às associações. Trata-se de uma reciprocidade



binária por compartilhamento, uma vez que cada indivíduo assume uma postura de doação ao grupo e vice versa.

Neste caso, o sistema de reciprocidade é mais complexo, cujo ciclos sociais apresentam relações mais amplas. No geral, as associações de prestação de serviços são braços executores de diferentes esferas de governo e instituições públicas, como a Emater e Epamig, denotando uma reciprocidade ternária unilateral.

Entre as ações, que comprovam essa posição intermediária entre governo e comunidade, estão as doações de máquinas e equipamentos, as vezes sua manutenção, por prefeituras às associações, que passam a ser responsáveis pela gestão do recurso.

É importante explicitar o caso do SIM (Serviço de Inspeção Sanitária), desenvolvido pela prefeitura de São João Del-Rei, através do qual o produto de origem animal é inspecionado, dando certificação de qualidade ao produtor e a permissão para comercializar em todo o estado. Esse programa veio fortalecer as associações de leite do município, pois estimula o produtor a buscar junto à associação as formas de se adequar às normas do programa.

Além das máquinas e equipamentos, as associações são utilizadas para a execução de programas, como o Programa Minas sem Fome, Semana do Meio Ambiente, Abastecimento de Água, Minha Casa Minha Vida, ampliando suas funções junto à comunidade.

Cabe ressaltar que, alguns programas reforçam a reciprocidade nas associações, como o Programa Minha Casa Minha Vida, que incentiva a construção de casa pelo regime de mutirão, possibilitando a reciprocidade binária cara a cara, gerando valores de amizade e compadrio, que podem fortalecer as demais formas de reciprocidade.

Trata-se de uma relação assimétrica, que pode resultar em processos de alienação, como o clientelismo e o paternalismo. Isto porque as ações de distribuição de ações para as associações podem ser vinculadas à simpatia partidária entre os membros da prefeitura e os membros da associação, ou ao voto.

Às vezes a própria formação das associações é resultado de um “enxerto”, para utilizar o termo de Desroche (1976), ou seja, as prefeituras promovem a formação das associações, de forma a facilitar sua ação na comunidade. Portanto, não são resultados de uma mobilização interna da comunidade, decorrente de uma convivência de ajuda mútua.

Neste contexto, muitas vezes o “enxerto” não resulta na reciprocidade e confiança, estando a associação ativada, enquanto a prefeitura mantiver as máquinas e equipamentos em funcionamento, ou o preço do insumo for favorável à associação. Ao cessar as condições favoráveis, como a quebra de uma máquina, sem a manutenção da prefeitura, inicia-se um processo de desmotivação, com as máquinas paradas, podendo resultar em brigas internas, evasão de associados até o fechamento da associação.

Contudo, se a comunidade reconhece a associação como uma instituição pertencente a ela, cujos bens são da comunidade e a responsabilidade sobre eles é da comunidade, então, com o tecido social embasado na humanidade, com valores formados, a associação tem o poder de promoção do desenvolvimento, como foi possível identificar em algumas associações de prestação de serviços.

### **Associações de comercialização.**

Nos diferentes tipos de associações é muito forte a presença de produtores de leite. No caso das associações de comercialização, foi possível identificar, também, associações de mel e artesanato.

A função principal deste tipo de associação é auxiliar na venda do produto, pois a venda conjunta amplia o potencial de negociação dos produtores, permitindo um preço melhor no caso do leite ou o acesso ao consumidor, no caso do artesanato. Além da venda da produção, há também a compra conjunta de insumos, possibilitando melhores preços, dado o volume negociado.

No caso do artesanato, são promovidos cursos de capacitação e difusão do artesanato na comunidade, bem como a ida a eventos promocionais do artesanato. No caso do leite, há também o oferecimento de cursos de capacitação diversos, como manejo de animais e fabricação de queijos.

Trata-se de uma relação de reciprocidade binária por compartilhamento, em que a venda conjunta auxilia a todos, privilegiando valores de confiança e pertencimento. Há uma doação do indivíduo para o grupo e este grupo dá o suporte ao indivíduo.

Essa relação pode ser fragilizada, dependendo do tecido social formado. Como trata-se de uma relação mista, pela qual se busca a promoção de valores humanistas de reciprocidade, mas também valores de troca, pois o produto vai para o mercado, pode ocorrer um peso maior dos valores de troca sobre os valores humanistas. Dessa forma, muitos produtores não reconhecem o benefício da associação, principalmente no longo prazo, e se aventuram na venda individual, quando os laticínios oferecem alguns centavos a mais em relação à associação.

Foi possível identificar associações de comercialização com a presença de fundo de reserva, para cobrir alguma eventualidade, como as falhas de contrato. Isto já ocorreu, com o não pagamento do leite entregue ao laticínio, cujo fundo foi utilizado para cobrir os prejuízos dos associados. Nesse sentido, observa-se uma relação de compartilhamento, em que o valor da confiança foi estabelecido no ciclo social.

Da mesma forma que nas associações de serviço, as associações de comercialização também estabelecem relações com o setor público, especialmente as prefeituras. Estas atuam doando tanques de expansão, provendo infra-estrutura, assistência técnica e transporte. Portanto, o sistema de reciprocidade se amplia, com a formação de uma reciprocidade unilateral, de repasse dos bens para as associações que repassam para os associados, estabelecendo o valor da responsabilidade para o atendimento eficiente da comunidade.

Refere-se a uma reciprocidade assimétrica, exigindo uma presença forte da associação frente ao órgão público, ou pelo menos de uma liderança expressiva, que seja capaz de estabelecer essa relação em prol do benefício dos associados.

### **Associações comunitárias.**

As associações comunitárias têm como função central o apoio ao desenvolvimento da comunidade em termos sócio-culturais, via infra-estrutura de lazer e esporte, educação e saúde.

As ações são estabelecidas com o apoio financeiro de órgãos públicos e organizações não governamentais, que doam recursos para a execução de projetos.

Além disso, os programas governamentais existentes nos demais tipos de associações, como Minas sem Fome e Balde Cheio, também se fazem presentes nas associações comunitárias, formando os mesmos sistemas de reciprocidade.

Nesse contexto, o que se verifica é a presença da associação comunitária atuando também na produção, uma vez que esses programas buscam auxiliar na produção, fornecendo sementes, assistência técnica, alguns maquinários.

Cabe destacar o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), destinado à agricultura familiar, que foi identificado neste tipo de associação. O PAA compra produtos dos agricultores familiares para merenda escolar, hospitais, creches públicas e demais instituições de apoio público. Nesse sentido, complexifica o ciclo social, com a formação de estrutura de reciprocidade ternária centralizada, cujas associações criam valores de obediência ao comando central ou centro de redistribuição, nesse caso o governo federal, para cumprir toda a burocracia estabelecida pelo governo, de forma a poder escoar a produção da comunidade. É necessário a venda conjunta para que se alcance o volume necessário. Nesse sentido, há uma ajuda mútua interna de compartilhamento entre os associados.

### **Cooperativas e Associações como Instrumentos do Desenvolvimento**

Considerando as organizações sociais pesquisadas, foi possível perceber que as cooperativas se voltaram totalmente para a lógica da troca, sem mesmo a possibilidade de uma estruturação mista, haja vista a falta de participação dos cooperados no processo decisório em todos os casos.

A falta de interação inviabiliza a formação de relações de humanidade, que só são possíveis a partir do momento em que os indivíduos se posicionam nos dois lados antagônicos do processo de reciprocidade: dar e receber. Neste contexto, as cooperativas pouco contribuíram para o desenvolvimento local.

No caso das associações, as reclamações sobre a falta de participação dos associados, também, estiveram presentes nas falas dos entrevistados. Dessa forma, percebeu-se dificuldades em muitas associações para a promoção do desenvolvimento local. Entretanto, a estrutura voltada para uma relação mista vem permitindo, mesmo que de forma assimétrica, o estabelecimento de diferentes formas de reciprocidade.

Nesse sentido, as associações comunitárias se sobressaem, diante de sua finalidade primeira de promoção do desenvolvimento, envolvendo mais diretamente com os interesses coletivos, facilitando um pouco mais a ajuda mútua. Por outro lado, as associações de serviço e de comercialização estão muito vinculadas à produção. Diante disso, os elementos de mercado acabam sendo introduzidos mais fortemente na lógica das associações e, principalmente, na atuação dos indivíduos, fragilizando a formação dos ciclos sociais de reciprocidade.

As instituições públicas tem atuado no sentido de fortalecer as associações, como um mecanismo de transferência de suas responsabilidades de execução de seus programas, tanto do âmbito federal, como estadual e principalmente municipal. Essa não é uma postura *a priori* ineficiente, uma vez que a reciprocidade não é desenvolvida por elementos culturais e nem por característica inerente ao ser humano, mas pelo convívio entre os indivíduos, na troca de ações. Portanto, essa atuação pública pode estimular essas ações. Mas, também, pode ser feita de forma a gerar mais conflitos do que benefícios, se a estrutura social não permitir a ajuda mútua e a geração de valores sociais.

Portanto, vincular o desenvolvimento diretamente a presença de organizações sociais, sejam elas cooperativas ou associações, é um erro. Existe uma dependência anterior com relação à estrutura que forma essas organizações, podendo resultar em um fortalecimento da comunidade, ampliando a união entre os associados, ou gerar mais conflitos e exclusão de membros da comunidade.

Não se pode esquecer que muitas vezes as assimetrias geradas não decorrem apenas de instituições públicas, mas das relações internas da própria associação. A posição de dirigente representa uma posição de poder, cuja liderança pode levar à confiança dos membros ou a desconfiança aliada a exclusão de parte dos associados.

## 5 Considerações Finais

A microrregião de São João Del-Rei é um caso em que a pura lógica da troca tem enfrentado grandes obstáculos para se consolidar, perceptível nas falências das cooperativas e permanência das associações. Portanto, as formações mistas como as associações, mesmo apresentando todas as dificuldades, como assimetrias e alienações nas formas de reciprocidade, tem conseguido permanecer como estratégia para os sistemas de produção mais tradicionais.

## Referências

- BIALOSKORSKI NETO, S. (2007). Um ensaio sobre desempenho econômico e participação em cooperativas agropecuárias. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 45, n. 1, 119-138.
- BOURDIEU, P. (1996). Marginalia: algumas notas adicionais sobre o Don. *MANA*, nº2, v.2, 7-20.
- CAILLÉ, A. (1998). Nem holismo nem individualismo metodológicos: Marcel Mauss e o paradigma da dádiva. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.13, n.38, 5- 38. Acesso em agosto de 2012, do site da Revista Brasileira de Ciências Sociais no Scielo, disponível em: < [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69091998000300001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091998000300001)>.
- CHABAL, M. (2005) *Les Structures Elementaires de La Reciprocite*. Conference Debat Cauris, Vendredi Acesso em agosto de 2012, do site da Conference Debat Cauris, disponível em: <<http://afrique.cauris.free.fr/mireille.html>>.
- CHABAL, M. (2006). *Les Formes de Réciprocité Positive, Négative, Symétrique*. Conference Debat Cauris, Vendredi. Acesso em agosto de 2012, do site da Conference Debat Cauris, disponível em: <<http://afrique.cauris.free.fr/nuers.html#ancre2246496>>.
- CRUZ, G. dos R. (s/d). Associativismo e Democratização da Sociedade: limites e possibilidades. *Comunicação Política*, v. 24, nº 3, 89-114. Acesso em set. 2012, do site: <http://empreende.org.br/pdf/Democracia%20e%20Participa%C3%A7%C3%A3o/Associativismo%20e%20democratiza%C3%A7%C3%A3o%20da%20sociedade.pdf>.
- GRANOVETTER, M. (2007) Ação Econômica e Estrutura Social: problema da imersão. *RAE-eletrônica*, v. 6, n.1, Art. 9. Acesso em set. 2012, do site da ERA-eletrônica, disponível em: <<http://www.rae.com.br/electronica/index.cfm?FuseAction=Artigo&ID=4838&Secao=FÓRUM&Volume=6&numero=1&Ano=2007>>.
- MINISTÉRIO DO TRABALHO E EMPREGO. *A economia solidária*. Acesso em: 3 mai. 2010, no site do Ministério do Trabalho e Emprego, disponível em: <[www.mte.gov.br/ecosolidaria/sies.asp](http://www.mte.gov.br/ecosolidaria/sies.asp)>.

- NAMORADO, R. (2007). *Cooperativismo: história e horizontes*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais/Faculdade de economia de Coimbra (Oficina do CES nº 278).
- PUTNAM, R. D. (1996). *Comunidade e democracia. A experiência da Itália moderna*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.
- SABOURIN, E. (2010). *Políticas Públicas de Desenvolvimento Rural e Reciprocidade*. 4º Encontro da Rede de Estudos Rurais: Mundo Rural, Políticas Públicas, Instituições e Atores em Reconhecimento Político. Curitiba: UFPR.
- SABOURIN, E. (2011a) Paternalismo e Clientelismo como Efeitos da Conjunção entre Opressão Paternalista e Exploração Capitalista. *Estudos Sociedade e Agricultura*, vol. 19, n. 1, 5-29.
- SABOURIN, E. (2011b). Teoria da Reciprocidade e Sócio-Antropologia do Desenvolvimento. *Sociologia*, Porto Alegre, ano 13, nº27, 24-51.
- SABOURIN, E. (2011c). *Sociedades e Organizações Camponesas: uma leitura através da reciprocidade*. Porto Alegre: Editora da UFRGS.
- SABOURIN, E. (s/d). *Economia Solidária no Meio Rural Brasileiro: uma análise a partir da noção de reciprocidade*. Acesso em set./2012, do site da Faces do Brasil, disponível em: [http://www.facesdobrasil.org.br/midioteca/cat\\_view/927-economia-solidaria/956-artigos-documentos-e-relatorios.html?start=20](http://www.facesdobrasil.org.br/midioteca/cat_view/927-economia-solidaria/956-artigos-documentos-e-relatorios.html?start=20).
- SEBRAE. *Diferenças entre Associações e Cooperativas*. Acesso em setembro de 2012, do site do Sebrae, disponível em: <http://www.sebraemg.com.br/culturadacooperacao/associacoes/05.htm>.
- SILVA, A. J. H da; BRAGA, M. (2007). Gestão Organizacional em Cooperativas de Trabalho: Processos de participação, comunicação e planejamento. *Alcance*, vol. 14 - n.1, 49 - 68.
- TEMPLE, D. (1983) *La Dialéctica Del Don*. Acesso em ago./2012, do site de Dominique Temple, disponível em: [http://dominique.temple.free.fr/reciprocite.php?page=reciprocidad\\_2&id\\_article=150](http://dominique.temple.free.fr/reciprocite.php?page=reciprocidad_2&id_article=150)
- TEMPLE, D. (1997a). *De Mauss a Lévi-Strauss*. Acesso em ago./2012, do site de Dominique Temple, disponível em: [http://dominique.temple.free.fr/reciprocite.php?page=reciprocidad\\_2&id\\_article=238](http://dominique.temple.free.fr/reciprocite.php?page=reciprocidad_2&id_article=238).
- TEMPLE, D. (1997b). *A Manera de Conclusión – La reciprocidad fuente de La función simbólica*. Acesso em ago. 2012, do site de Dominique Temple, disponível em: [http://dominique.temple.free.fr/reciprocite.php?page=reciprocidad\\_2&id\\_article=239](http://dominique.temple.free.fr/reciprocite.php?page=reciprocidad_2&id_article=239).
- TEMPLE, D. (1997c). *El Principio de lo Contradictorio y las Estructuras Elementales de La Reciprocidad*. Acesso em ago./2012, do site de Dominique Temple, disponível: [http://dominique.temple.free.fr/reciprocite.php?page=reciprocidad2&id\\_article=336](http://dominique.temple.free.fr/reciprocite.php?page=reciprocidad2&id_article=336).

### **Agradecimento**

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), pelo financiamento da pesquisa e pela bolsa concedida.